



MAYARA VITÓRIA SOUZA DAS NEVES

**AS VARIÁVEIS AMBIENTAIS RELACIONADAS AOS COMPORTAMENTOS DE
PARENTALIDADE DOS SUJEITOS CISGÊNEROS E HETEROSSEXUAIS NA
VIVÊNCIA DO PUERPÉRIO**

Trabalho de conclusão de curso ,modalidade de artigo científico, apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, *campus* do Pantanal (CPAN) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a Lívia Cardoso Amorim

Corumbá - MS,
2025



MAYARA VITÓRIA SOUZA DAS NEVES

**AS VARIÁVEIS AMBIENTAIS RELACIONADAS AOS COMPORTAMENTOS DE
PARENTALIDADE DOS SUJEITOS CISGÊNEROS E HETEROSSEXUAIS NA
VIVÊNCIA DO PUERPÉRIO**

Mayara Vitória Souza das Neves
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
mayara.neves@ufms.br
Livia Amorim Cardoso
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
livia.amorim@ufms.br

Corumbá - MS,
2025



BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Lívia Amorim Cardoso Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profº. Drº. Pablo Cardoso de Souza – Interno Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dra^a. Franciéle Ariene Lopes Santana -Internu Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

O puerpério é um período marcado por alterações hormonais e sociais, onde o contexto social atua na construção da parentalidade, frequentemente perpetuando a desigualdade de gênero. Este artigo analisa variáveis ambientais que contribuem para comportamentos de sujeitos cisgêneros e heterossexuais nesse período. Através da revisão bibliográfica narrativa sob a perspectiva da Análise do Comportamento (AC) fica evidente que a idealização da maternidade e a maternidade compulsória geram cobranças, eliciando respondentes de tristeza, medo, ansiedade e comportamentos de ordem ontológica de cuidado com os filhos e do lar. Fatores socioeconômicos e raciais também influenciam na saúde das puérperas. Os resultados indicam que a divisão desigual do trabalho de cuidado é mantida por um culturante selecionado pela metacontingência, cuja consequência cultural é a manutenção do sistema desigual entre os gêneros. Em escala social, o acúmulo de sobrecarga materna configura uma macrocontingência, em que o produto agregado é o alto índice de adoecimento das puérperas. Concluiendo-se que a análise do comportamento possibilita a compreensão como tais práticas são mantidas, o que evidenciou a necessidade de avanços na equidade de gênero e de promover um repertório parental, revertendo a metacontingência ceremonial que contribui para a manutenção das desigualdades no puerpério.

Palavras-chave: Gênero; Puerpério; Análise do comportamento; Saúde.

Abstract

The postpartum period is marked by hormonal and social changes, where the social context plays a role in the construction of parenthood, frequently perpetuating gender inequality. This article analyzes environmental variables that contribute to the behaviors of cisgender and heterosexual individuals during this period. Through a narrative literature review from the perspective of Behavior Analysis (BA), it becomes evident that the idealization of motherhood and compulsory motherhood generate demands, eliciting responses of sadness, fear, anxiety, and ontological behaviors related to childcare and home care. Socioeconomic and racial factors also influence the health of postpartum women. The results indicate that the unequal division of care work is maintained by a culture selected by metacontingency, whose cultural consequence is the maintenance of the unequal system between genders. On a social scale, the accumulation of maternal overload constitutes a macrocontingency, in which the aggregate product is the high rate of illness among postpartum women. In conclusion, behavioral analysis allows us to understand how such practices are maintained, highlighting the need for progress in gender equality and to promote a repertoire of parenting, reversing the ceremonial metacontingency that contributes to the maintenance of inequalities in the postpartum period.

Keywords: Gender; Postpartum; Behavior analysis; Health.

1 INTRODUÇÃO

O puerpério é um período que sucede o parto e se estende até que o organismo da mulher retorne às condições pré-gestacionais, é uma fase marcada por alterações fisiológicas e psicológicas, em que o contexto social pode auxiliar ou declinar este tempo (Rocha *et al.*, 2023). De acordo com Lima *et al.* (2025), a construção da parentalidade é determinada principalmente pelo contexto social, onde são pautadas as questões de gênero, ou seja, a paternidade é reforçada pela regra de que o homem não possui aptidão para o cuidado, enquanto o cuidado com os filhos e a casa são atribuídos socialmente à mulher. Entretanto, Lima *et al.* (2025) discutem que embora a paternidade ainda seja permeada pela regra de que o gênero masculino como provedor, as transformações nas dinâmicas parentais têm os convocados a participar de forma ativa nos cuidados com os filhos e com a organização do lar.

O presente trabalho propõe analisar as variáveis comportamentais relacionadas aos cisgêneros heterossexuais no contexto do puerpério, com ênfase nas contingências culturais que mantêm desigualdades nesse período. Parte-se da hipótese de que tais desigualdades se perpetuam por meio de práticas sociais que atribuem à mulher a maior parte das responsabilidades do cuidado, ao mesmo tempo em que restringem o desenvolvimento de repertórios parentais nos homens. Nesse sentido, busca-se compreender de que forma a cultura condiciona e reforça padrões comportamentais distintos entre os gêneros, bem como discutir os impactos desses padrões, especialmente sobre a saúde física e psicológica da mulher no pós-parto.

Metodologicamente, a investigação é conduzida a partir de uma revisão bibliográfica narrativa, contemplando artigos, livros, dissertações e teses publicados em língua portuguesa ou traduzidos. As buscas serão realizadas em bases como Scielo e Google Acadêmico, utilizando como descritores termos vinculados à Análise do Comportamento e às questões de gêneros, como metacontingência, macrocontingência, puerpério e desigualdade de gênero. Serão incluídas publicações posteriores a 2015, sem desconsiderar obras clássicas de reconhecida relevância para a fundamentação teórica. A análise dos dados foi realizada por meio da categorização dos principais conceitos identificados, permitindo a discussão das

contingências culturais que sustentam padrões de comportamento femininos e masculinos no puerpério, com base nos princípios da Análise do Comportamento.

O papel da maternidade, de acordo com Dias e Lima (2025) vem atrelado à cobrança quanto ao desempenho, que demanda que a mulher se comporte ofertando paciência e amor incondicional, o que exige constantes sacrifícios e pode produzir na puérpera sentimentos de culpa e sofrimento, já que a concepção do amor materno inato e instintivo, atribuída à maternidade, é uma romantização da maternagem que gera o afastamento do homem na execução de uma paternidade ligada ao cuidado (Lima et al 2025).

Tendo em vista que o puerpério é um período de grandes transformações físicas, emocionais e sociais, e ocorrência de mudanças bruscas nos níveis hormonais e nos neurotransmissores, sendo mais propensos nas mulheres o aparecimento de sofrimento psicológico (Moura et al, 2023) podendo gerar sofrimentos passíveis de caracterização na nossa cultura como depressão perinatal ou outros transtornos (Rocha et al , 2023), a pesquisa se faz relevante pois trata-se de um período que afeta vários aspectos da vida de quem o vivencia, principalmente das mães, que arcam com as responsabilidades de cuidados sozinhas

Em nível mundial é estimado que distúrbios mentais acometem 10% das gestantes, e consequentemente afetando 13% das puérperas (Marques et al, 2016). A depressão puerperal é a segunda causa de adoecimento de mulheres no mundo e pode levar ao suicídio, sendo um dos principais fatores de mortalidade entre mulheres (Marques et al, 2016). Posto isso, os fatores de risco variam em função da cultura e economia regional influenciando diretamente a maneira como os coabitantes das puérperas vivenciam este período.

Portanto, é necessário analisar os fatores que influenciam a saúde da mulher no pós-parto (Moura et al, 2023). A análise comportamental, através do modelo de seleção pelas consequências de Skinner, entende o indivíduo na sua filogenia, ontogenia e cultura (Rocha et al , 2023). Analisando também a ampliação feita por Sigrid Glenno do terceiro nível de seleção de Skinner: a cultura. É possível utilizar os conceitos de metacontingência e macrocontingência a fim de explicar como as contingências comportamentais entrelaçadas e como estas geram o seu produto agregado, assim como os conjuntos de práticas culturais configuram uma macrocontingência. Esse entendimento possibilita uma análise comportamental dos

sujeitos em diversas fases da vida, compreendendo-se assim, a história de condicionamento e as variáveis ambientais instaladoras e mantenedoras de sofrimento psicológico dos envolvidos nesse contexto.

2. MÉTODO

Essa pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, reunindo materiais já publicados ou traduzidos para português. Para isso foram utilizadas as bases de dados online, como os sites *Scielo* e *Google Acadêmico*, com o objetivo de encontrar artigos, periódicos e livros sobre o tema, assim como tese e dissertação, utilizando como palavras chave: análise funcional, seleção pelas consequências, metacontingência, macrocontingência ,operação estabelecadora, gênero, puerpério e desigualdade de gênero. Durante a busca foi considerado o operador booleano buscador “e” que contivesse uma e outra palavra-chave. Foram considerados materiais cujos anos de publicação delimitavam entre 2015 a 2025 juntamente com a ligação com o objeto de estudo. Foram desconsiderados aqueles escritos e publicados anteriormente ao ano de 2015 e que divergiam do tema central da pesquisa, exceto obras clássicas e de significativa relevância para o tema.

A análise de dados foi realizada categorizando os principais conceitos , com objetivo de buscar a identificação das contingências culturais que mantêm os comportamentos femininos e masculinos no contexto do puerpério. A perspectiva teórica foi de base analítica comportamental, que tratou o estudo dos comportamentos envolvendo gênero através dos princípios básicos em análise do comportamento.

Após a seleção dos materiais, procedeu-se à leitura e análise dos conteúdos, identificando as variáveis ambientais, os aspectos culturais, a metacontingências, macrocontingência e demais elementos associados às desigualdades de gênero relacionadas no comportamento de parentalidade no puerpério. A partir dessa organização, elaborou-se uma discussão integrada, relacionando a literatura encontrada com os objetivos da pesquisa.

3. PARENTALIDADE ENTRE OS CISGÊNEROS E HETÉROSEXUAIS NO PUERPÉRIO

O gênero feminino desde o início da vida é modelado para seu papel maternal, Ribeiro et al (2015) descrevem que esta experiência se faz por meio de brincadeiras com bonecas e ao observar suas mães. Assim, a modelagem para o gênero masculino difere do feminino. Enquanto um é modelado para o cuidado, o outro não. De acordo com Sento-Sé (2022), as meninas são ensinadas a cuidar, enquanto os meninos são cobrados a serem fortes e a não demonstrarem fragilidade.

A época e o ambiente, segundo Colling e Tedeschi (2019), foi modificando o conceito de gênero. Em meados de 1980, a palavra gênero começa a ganhar significado político, partindo da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social. Diante disso, Colling e Tedeschi (2019) descrevem que alguns autores da época começavam questionar o significado de gênero apenas para diferenciar o sexo, sendo descrito que o sentimento em ser mulher ou homem seria mais importante do que a anatomia. Um desses questionamentos, segundo Colling e Tedeschi (2019) foi Simone de Beauvoir apontava que o sexo não garantira a constituição de gênero, pois em sua obra em 1949, *O Segundo Sexo*, afirma que “não se nasce mulher, torna-se”, descartando a ideia de que gênero não é biológico, mas sim condicionado.

Skinner (2011) entende que um comportamento tem maior probabilidade de ocorrer quando é reforçado, e menor chance de repetição aqueles que são punidos ou extintos. Diante disso, descreve dois tipos de comportamento: o inato e o operante. O Inato é aquele comportamento que é resultado da seleção natural, ou seja, adaptativos e cuja função é de sobrevivência, reações fisiológicas como: respirar, mamar e os demais reflexos em si. Já o comportamento operante é entendido como aquele que é modelado por suas consequências, ou seja por reforços e punição. Diante disso, Skinner (2011) diz que os comportamentos humanos são resultados de contingências aprendidas (condicionadas) ao longo da vida, não sendo algo intrinsecamente biológico.

Em 1986, Joan Scott elaborou a reflexão sobre gênero como categoria de análise e destacou sua utilidade para a historiografia. Sendo assim, para Scott (1986) o gênero seria um primeiro modo de dar significado às relações de poder, dentro de uma disputa cujo caráter é político. Scott (1986) descreve que o termo começou a ser reformulado pelo movimento feminista americano com o intuito de tirar o determinismo de gênero ligada somente à perspectiva biológica. Assim, a necessidade de estudar os homens e mulheres, com o objetivo de entender os papéis e simbolismo sexuais em várias épocas e locais corroboram para o entendimento do que mantém ou o que pode mudar a ordem social.

Posto isso, Scott (1968) entende que gênero diz respeito a algo fora do sexo biológico, mas sim como uma construção social, que organiza as relações sociais, funcionando como uma estrutura de poder, em que perpetua a desigualdade. O gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder (Colling; Tedeschi, 2019). Portanto, a maneira que cada gênero comporta-se durante o período perinatal envolve padrões criados e mantidos por questões culturais.

Esse período puerperal exemplifica a complexidade englobada no conjunto de comportamentos que varia de acordo com a interação de aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais para cada pessoa envolvida no nascimento de um bebê. Diante disso, Skinner (2007) apresenta a teoria da seleção pelas consequências, revelando que é um modo fundamental para explicar a evolução e o comportamento dos indivíduos. A filogenia refere-se à evolução das espécies ao longo de longos períodos de tempo, moldada por processos de seleção natural. A ontogenia é aquele comportamento que é desenvolvido através do condicionamento operante, respondente e da interação do sujeito com o ambiente. Já a cultura são as mudanças de conjuntos de práticas, conhecimentos, valores e normas que ocorreram na história de uma sociedade, sendo assim, as práticas culturais surgem e se consolidam se forem reforçadas pelas contingências ambientais.

Em seu artigo, Rocha et al (2023) expõe que as mulheres são expostas a regras e contingências culturais que mantêm a desigualdade de gênero, reforçando assim comportamentos que acabam sobre carregando-as. Por consequência, gera insatisfação por ambos os gêneros, pois os pais não julgam-se aptos aos cuidados com os filhos, o que promove a sobrecarga materna. Sendo assim, atribui a maior

responsabilidade de cuidados com os filhos à maternidade, tendo o período do puerpério atrelado ao gênero feminino, enquanto o masculino permanece ausente.

3.1 Impactos na saúde das puérperas

Para Moura et al (2023) o sofrimento da puérpera está relacionado a alguns fatores, tais como uma gravidez não planejada, nascimento precoce do bebê, complicações no pós parto e a ausência paterna. Sendo essa última, afetando a experiência puerperal da gestação e da maternidade, pois a ausência gera sobrecarga. Em vista disso, é possível entender que as condições ambientais podem alterar o valor reforçador, modificando os comportamentos, ou seja, é necessário a compreensão das operações motivadoras que influenciam na emissão de um comportamento. Para isso, Basqueira (2024) descreve que as operações motivadoras referem-se às condições de estímulos que influenciam na probabilidade de ocorrência de comportamentos operantes uma vez que alteram a efetividade das consequências. Sendo assim, alteram sua frequência e, por conseguinte, as consequências na manutenção do comportamento.

No contexto puerperal, o suporte emocional e a presença paterna funcionam como reforçadores; e a ausência, como uma operação motivadora de privação, mudando o valor do reforçador. Posto isso, Colling e Tedeschi (2019) discutem que, desde os séculos XIX e XX, a maternidade biológica passou a ser centralizada como responsável quase exclusivamente pela saúde e pelo desenvolvimento dos filhos. A medicalização da gravidez e do parto reforçou o controle sobre o corpo feminino e a ideia de que a mãe deveria sustentar sozinha o cuidado e a educação das crianças. Essa responsabilização excessiva, somada à ausência paterna ou à minimização da participação masculina nos processos reprodutivos e de cuidado, contribui para a sobrecarga materna, ou seja, essas precisam administrar os cuidados com os filhos, com a casa e com a carreira, caso esteja trabalhando, o que impactam diretamente na saúde das mulheres.

Na contemporaneidade, Colling e Tedeschi(2019) discutem que esse cenário se intensifica, pois logo após a confirmação da gravidez, as mulheres já são envolvidas por inúmeras informações e cobranças, o que amplia sentimentos de culpa, solidão e pressão social. Em seu livro “ Análise do Comportamento Aplicada

na Atenção Primária, Secundária e Terciária à Saúde” Farias e Kracker (2022), discutem que a falta de uma rede de apoio gera controle aversivo de alta magnitude, pois em um período de pós-parto as puérperas já não possuem fácil acesso a reforçadores positivos pelo ambiente na vinda de um recém-nascido.

Diante disso, Fonseca e Almeida (2023), descrevem que a maternidade passou por muitas modificações, desde uma relação indiferente entre mãe-bebê até a criação do “inato” instinto materno. Skinner (2011), descreve que um comportamento inato é aquele que o indivíduo já apresenta desde o nascimento, sem necessidade de aprendizagem prévia. Nesse sentido, o que se convencionou chamar de “instinto materno” não corresponde a um comportamento inato, mas sim a um conjunto de práticas e repertórios moldados por contingências sociais, culturais e de gênero, os quais reforçam a centralidade feminina no cuidado.

Considerando isso, durante o período pré e pós parto, as mulheres passam por inúmeras alterações, em que a privação de reforçadores pode gerar mudanças comportamentais significativas contribuindo para o processo de adoecimento. Diante disso, esses fatores podem ser intensificados pela pouca ou ausência de rede de apoio, contribuindo assim, para a sobrecarga materna e seus agravantes para a saúde. O quadro familiar e profissional são imprescindíveis para que a puérpera não entre em quadros de depressão pós-parto, ansiedade e psicose puerperal (CANTANHEDE, 2025).

O estudo de Farias e Kracker (2022), entende que cada gestante e puérpera vivenciam de maneira única a depender da combinação da filogenia, da cultura em que está inserida e da própria história de vida (comportamento operante). Entretanto, descreveram os transtornos mais prevalentes durante esse período: blues puerperal com prevalência de 15,3 a 84%; depressão perinatal com prevalência no Brasil entre 13,3 e 38 % nas amostras; psicose puerperal com prevalência de 1-2 casos por 1000 nascimentos; e ansiedade perinatal com prevalência de 6,1% a 31,7%. Frente a esta realidade, a análise comportamental pode auxiliar na avaliação de aspectos funcionais destes indivíduos e de queixas durante a gestação e puerpério.

Ademais, Farias e Kracker (2022) exemplificam que as mulheres em seu período puerperal passam por uma nova aprendizagem de classe de respostas, para lidar com as demandas do bebê e com as novas contingências estabelecidas com o

ciclo social, em principal com o cônjuge. Além disso, hipotetizaram algumas variáveis de nível ontogenético que podem influenciar o comportamento das mulheres durante esse período, como: a privação de reforço, controle aversivo, operação motivadora e aos comportamentos governados por regras. As autoras, descrevem que o pós-parto é acompanhado de privação de reforços, aqueles que antes era reforço positivo tornam-se de difícil acesso ou com o custo de resposta de grande magnitude, como por exemplo o sono que desencadeia inúmeros estressores e pouco ou nenhum tempo para acesso aos reforços de autocuidado ou lazer.

O reforço para Moreira e Medeiros (2018), é aquele que aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer, sendo ele negativo (retira um estímulo do ambiente) ou positivo (acrescenta um estímulo no ambiente), existindo dois tipos de estímulos reforçadores : Natural e o arbitrário. O natural é aquele que o indivíduo produz uma consequência reforçadora que é dele próprio, como por exemplo comportar-se de determinada maneira pelo reforço que gera nele mesmo, sendo um produto direto do próprio comportamento. O arbitrário é aquele em que o reforço é fruto indiretamente do comportamento, ou seja, o estímulo é reforçador para o indivíduo, gerando uma consequência reforçadora. Ademais, a literatura baseada na análise do comportamento expõe que, de acordo com Farias e Kracker (2022) um ambiente com pouco acesso a reforçadores positivos geram sujeitos que comportam-se sob controle aversivo, muito comum dentro do cenário pós parto.

Moreira e Medeiros (2018) descrevem controle aversivo como consequências de reforço negativa e punição positiva e negativa depois de um determinado estímulo, exerce controle sobre a probabilidade de ocorrência do comportamento, em que os sujeitos emitem comportamentos de fuga e esquiva para evitar punições ou estímulos aversivos. No panorama puerperal, os pais comportam-se a fim de evitar choro ou demais problemas relacionados aos primeiros dias de vida do recém-nascido, Farias e Kracker (2022) dizem que isso elicia comportamentos respondentes como a tristeza, angústia, raiva, irritação e entre outros.

Diante disso, Gonçalves e Camargo (2025) discutem que os fatores ambientais, como o econômico e cultural afetam a saúde das puérperas, pois indica que mulher em situações de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade e que sofrem algum tipo de violência, e que não tem o acesso adequado aos serviços de

saúde tem maiores chances de desenvolvimento de algum transtorno mental. Sendo assim, discorrem que as gestantes e puérperas que não tem acesso a rede apoio enfrentam demandas emocionais e físicas sozinha, gerando a sobrecarga e o isolamento social. Além de expor que mulheres negras, indígenas e periferias sofrem discriminação institucional que agravam sua saúde.

Moura et al (2023) descrevem a importância da presença e do apoio familiar e social na adaptação da mãe e na formação do vínculo com o bebê. Nesse contexto, é possível notar que a forma como a masculinidade e a paternidade são socialmente construídas influencia diretamente a participação dos homens nos cuidados no período puerperal.

Diante disso, a compreensão da paternidade precisa partir do entendimento da masculinidade. Colling e Tedeschi (2019), colocam que esse termo abrange um conjunto de significados e que é mutável. O termo varia de acordo com a sociedade e cultura, em que cada um constrói ao longo de seu processo de socialização, por meio das relações que mantém com os outros e consigo mesmo, enfatizando que não é inato aos sujeitos a masculinidade ou a feminilidade, e sim que aprende-se socialmente o que é ser cada um deles.

Exemplificado por Sento-Sé (2022), as normas da sociedade modelam o significado de “ser homem”, influenciando como esses se comportam perante sua saúde e o cuidado com o outro, impactando diretamente na ausência ou presença na paternidade. Modela-se os comportamentos dos meninos de: coragem, brincadeiras com armas e soldados, brincadeiras livres fora de casa. Os comportamentos referentes às tarefas domésticas não são treinados por estes, podendo inclusive sofrer punições sociais aqueles que o emitem tais comportamentos. Nesse sentido, Sento-Sé (2022), discute que a maternagem ocupa lugar central na reprodução de gênero, treinando as mulheres para o cuidado e, ao mesmo tempo, não condicionando esses comportamentos nos homens. Ao homem cabe o papel do provedor, não do cuidador. Entretanto, em seu texto traz discussões sobre uma crise nesse modelo tradicional, em decorrência das transformações sociais e culturais, que cobram mais participação paterna em todo o processo gestacional e puerperal.

3.2 Papel das instituições na manutenção da cultura

Fonseca e Almeida (2023) explicam que em uma sociedade patriarcal como o Brasil, a maternidade é vista como algo intrínseco à mulher, reforçando a ideia de que esta deve dedicar-se às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos, em detrimento de atividades pessoais, como a vida profissional. Além disso, descreve que a maternidade foi sendo construída a partir da reprodução social e econômica, primordialmente em contextos rurais e durante a Revolução industrial, pois o trabalho feminino no lar era considerado essencial para a sustentação da família - o que reforça o papel subalterno das mulheres na hierarquia social.

A sociedade brasileira, segundo Carvalho (2024) é pautada na religião evangélica, tendo em vista que houve uma campanha eleitoral para a presidência em 2018 em que seu *slogan* era baseado na religião, evidenciando que as estruturas organizacionais do país permeiam a prática religiosa. Visando isso, o autor discorre sobre a construção dos gêneros, pois entende que o poder exerce-se nas relações sociais que o criou-se o gênero. Partindo desse pressuposto, o autor explica que a masculinidade é pautada na bíblia, onde o homem deve ser provedor, protetor, líder espiritual e moral. Essa sociedade modela os comportamentos dos sujeitos, reforçando a ideia do homem provedor e da mulher submissa, onde o masculino tem autoridade e poder sobre o feminino.

As leis governamentais e religiosas são entendidas por Skinner (2011) como regras que geram contingências de reforços mantidas por ambientes sociais, tendo por mecanismo a evitação de punição, como por exemplo cumprir uma regra para evitar desaprovação e críticas das pessoas (Comportamentos mantidos por reforçamento negativo). Skinner (2003), afirma que a agência religiosa exerce controle sobre os indivíduos alegando conexão sobrenatural, dizendo ser capaz de alterar ou arranjar contingências que podem resultar em boa ou má sorte, no céu ou no inferno. O comportamento é mantido por reforço positivo e negativo, pois produz o sentimento de pecado, ou seja, cria uma condição aversiva seguido de fuga desta. Outrossim, exemplifica que esta agência estabelece critérios de comportamento rígido, como leis de modéstia, castidade etc.

Ademais, Xavier e Freitas (2022), discutem sobre o mito do amor materno e a maternidade compulsória, descrevendo que a mulher historicamente foi vista como submissa, cuidadora e materna. Sendo esta visão advinda do cristianismo, pois

este consolidou a maternidade como missão divina e a mulher como um ser cuidadoso e de amor incondicional. Consequentemente, culpa as mulheres que não desejam ser mães e também aquelas que já são, pois a sociedade patriarcal, que é pautada no cristianismo, impõe um modelo de mãe inspirado em Maria, o que traz sofrimento quando não cumprem com a figura desta ao relatarem cansaço ou frustração.

3.3 Determinantes sociais e raciais na vivência do puerpério

O estudo de Carvalho e Ceballos (2024) evidencia que a cor da pele influencia na desigualdade no acompanhamento gestacional, no parto e no pós-parto, pois enfrentam dificuldade de acesso aos serviços de saúde e de um atendimento humanizado. Consequentemente, a probabilidade de estas desenvolverem hipertensão e diabetes é aumentada, evidenciando assim que mulheres negras apresentam um número maior de complicações durante o período gestacional e durante o parto, pois possuem taxas mais elevadas de pré-eclâmpsia e diabetes gestacional. Ademais, estas têm maiores probabilidade de sofrerem procedimentos denominados como violência obstétrica.

Em concordância, Cantanhede (2025) faz uma revisão histórica do Brasil colonial e escravocrata, evidenciando que variáveis como raça e classe social influenciam na experiência individual da vivência das mulheres na maternidade. Entende-se que em um país historicamente escravocrata como o Brasil as mulheres negras tiveram uma maternidade desumanizada, onde eram forçadas à reprodução e que esta era vista como recurso essencial para manter e expandir a mão de obra. A partir da Constituição Federal de 1988, de acordo com Cantanhede (2025), a maternidade foi estabelecida como um direito social, bem como responsabilidade compartilhada entre Estado e sociedade o acesso aos serviços de saúde, à informação, ao planejamento familiar e ao suporte no pós-parto é desigual entre as raças e as classes sociais, em que as mulheres negras, em situação de vulnerabilidade enfrentam índices mais altos de mortalidade materna, partos violentos e ausência de acompanhamento psicológico durante esse período.

Agregado a isto, o censo do IBGE 2022 aponta uma redução no números de mães e de filhos no Brasil, o que reflete diretamente as transformações na

sociedade que implicam na maternagem no país. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE,2025) houve um declínio na taxa de fecundidade e uma aumento da idade das mulheres ao terem seu primogênito, evidenciando as mudanças sociais que implicam como a maternidade é vivenciada, principalmente em vista do contexto de desigualdade de gênero em que os indivíduos vivem.

Outro fator no Brasil, exposto pelo Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM) é que os mais de 5,5 milhões de crianças sem o registro paterno, situação que evidencia lacunas sociais e jurídicas no cumprimento do dever de cuidado com a prole. O papel do pai durante a gestação, nos cuidados domésticos e com a mulher durante o pós parte é algo que está sendo discutido , segundo Kracker et al (2022), principalmente em relação sobre as questões envolvendo políticas públicas e o mercado de trabalho para os homens e o impacto que isso envolve na divisão entre os gêneros.

Quadro 1. Principais obras utilizadas para a produção dos resultados de pesquisa

Título	Autores/ano de publicação	Tipo de material	Assunto	Resultados	Conclusão
Metacontingência: uma ferramenta conceitual para a análises sociais e culturais	Angelo et al/2024	Texto teórico	Análise de práticas culturais	Explica como comportamentos de grupos produzem e mantêm práticas culturais	Contribui para compreender fenômenos sociais e mudanças culturais
Seleção por consequências	B. F. Skinner,2007	Produção teórica	Seleção cultural e evolução das práticas sociais	Demonstra que comportamentos coletivos são selecionados pelas consequências	Permite analisar fenômenos sociais a partir de contingências

O cuidado e a atenção de pacientes com sofrimento psíquico puerperal: um olhar da psicologia	Moura <i>et al</i> , 2024	Artigo científico	Fatores que influenciam o sofrimento psíquico no puerpério	Relaciona ausência paterna, gravidez não planejada e complicações como fatores de risco	Reforça necessidade de suporte social e psicológico
O tornar-se pai: representações da paternidade e do cuidado no puerpério	Lima <i>et al</i> , 2025	Artigo científico	Experiências e desafios da paternidade no pós-parto	Mostra a participação paterna, ainda limitada por estereótipos	A participação do pai favorece o bem-estar da diáde mãe-bebê
Entendimento da perinatalidade pelo modelo de seleção por consequências	Carolina Neves da Rocha	Artigo científico	Aplicação da análise comportamental ao período perinatal	Relaciona contingências culturais e comportamentos maternos	A perinatalidade é moldada por práticas culturais e variáveis ambientais
A idealização da maternidade perfeita e seus impactos na saúde mental das mães contemporâneas: uma revista integrativa	Bianca S A. Dias; Louise Veronica Costa Lima 2025	Artigo científico	Pressões culturais sobre a maternidade e	Identifica culpa, sobrecarga e sofrimento decorrentes de expectativas irreais	Conclui que a idealização é produto cultural que adoece mulheres
Operações motivadoras: definição e compreensão do conceito aplicado	Ana Paula Basqueira, 2024	Artigo científico	Conceito de operações motivadoras na AC	Explica como eventos alteram valor reforçador e probabilidade de comportamentos	Operações motivadoras são essenciais para análise comportamental

Paternidade responsável no Brasil	Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)	Texto informativo	Dados sobre ausência paterna em registros de nascimento	Aponta mais de 5,5 milhões de crianças sem nome do pai na certidão	A ausência paterna revela desigualdades e fragilidade na responsabilidade parental
-----------------------------------	---	-------------------	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

4 METACONTINGÊNCIA E MACROCONTINGÊNCIA

A terminologia de metacontingência é descrita por Angelo *et al* (2024) como uma ampliação feita por Sigrid Glenn do terceiro nível de seleção pelas consequências feita por Skinner: a cultura. Passando a ser analisada como variável dependente e não como uma variável independente. Entende-se por Moreira (2013) que uma pessoa emite um comportamento e funciona como ambiente comportamental para a ação de outro indivíduo.

Perante isso, é descrito com unidade básica da metacontingência o culturante, que é composto por dois elementos: Contingências comportamentais entrelaçadas (CCEs); e produto agregado (PA) (Angelo, *et al* 2024). Os CCEs são o conjunto de contingência de reforço que ocorrem durante a interação social entre os indivíduos, sendo assim o comportamento de cada pessoa serve como ambiente para o comportamento dos outros membros do grupo, ou seja, o comportamento dos sujeitos serve como estímulo antecedente, que emite uma resposta que a consequência é reforçadora (Angelo *et al* 2024). Entretanto, é destacado a diferenciação entre as CCEs e de cadeia de respostas, pois as CCEs são uma interação interdependente entre várias pessoas, enquanto a cadeia de respostas são uma sequência de comportamentos de um indivíduo. O produto agregado é descrito por Angelo *et al* (2024), como um efeito direto produzido pelas CCEs, resultando em uma mudança na cultura.

A consequência cultural, de acordo com Angelo *et al* (2024) é o evento externo ao culturante que atua sobre estes, sobre a probabilidade de emissão de comportamento no futuro, aumentando ou diminuindo este. Diante disso, Angelo et

al (2024) discutem que as práticas culturais são mantidas quando vários comportamentos interligados geram consequência reforçadora para o grupo, constituindo assim a metacontingência como uma unidade que é possível analisar o que mantém as práticas sociais de uma sociedade, e assim sendo possível modificá-la.

Para Moreira(2013) existem dois tipos de metacontingência: a Tecnológica e a Cerimonial. A tecnologia é aquela que os CCEs produzem PA, voltado para resolução dos problemas sociais. A Cerimonial para Moreira(2013), refere-se a respeito das práticas culturais mantidas pela função de preservar o status de grupos controladores, como as instituições religiosas, famílias tradicionais, entre outros. Nesse subtipo de metacontingência, o PA é um símbolo, sem pensar nas melhorias sobre a cultura e os indivíduos inseridos nela, tendendo a restringir transformações que emitam comportamentos que ameaçam a posição de privilégio.

Em vista disso, Angelo *et al* (2024) referem que é importante ao analisar comportamentos em sociedade verificar os padrões que se repetem e produzem resultados sobre a cultura. O modelo de metacontingência, descrito por Angelo et al (2024) possibilita um estudo que identifica o vínculo entre o produto agregado e as consequências que reforçam tal prática. Entendendo-se assim, que os fenômenos culturais efetuam-se pelas interações reforçadas, sendo selecionadas socialmente. Sendo viável a compreensão e análise de instituições e organizações que modificam e são modificadas pelo ambiente.

A macrocontingência é descrita por Moreira (2013) como um conceito que permite a compreensão dos fenômenos culturais duradouros, como por exemplo as políticas públicas, sistemas econômicos e padrões culturais que se mantenham longo prazo. Diante disso, Moreira (2013) entende que a macrocontingência possibilita descrever como diversas práticas e produtos agregados interagem de forma complexa, afetando o ambiente cultural.

A distinção entre metacontingência e macrocontingência é fundamental para a compreensão dos níveis de organização dos fenômenos culturais. Com isso, a metacontingência abrange relações específicas entre as práticas culturais e produtos culturais integradas, seu produto agregado e o ambiente, a macrocontingência reúne diversas dessas unidades , articuladas dentro da cultura.

No contexto do puerpério, as desigualdades de gênero que afetam os sujeitos é vista pela análise do comportamento como metacontingências, pois envolvem práticas culturais coordenadas. As contingências entrelaçadas, como a idealização da maternidade perfeita e da responsabilidade exclusiva das mulheres no cuidado, assim como a ausência paterna produzem um produto agregado que reforça a manutenção do modelo das relações de poder. As práticas sociais amplamente difundidas configuram a macrocontingência . Assim, Moreira (2013), discute que as metacontingências explicam como padrões culturais se mantêm e as macrocontingência evidenciam os efeitos ampliados desses padrões.

Sendo assim, no puerpério as metacontingências podem ser observadas nas práticas coordenadas que atribuem às mulheres a responsabilidade exclusiva do cuidado, como a idealização da maternidade perfeita, a crença no instinto materno e a divisão desigual das tarefas parentais. Nessas práticas, as contingências comportamentais entrelaçadas entre familiares, profissionais da saúde e mídia produzem um produto agregado, a manutenção do modelo tradicional de gênero. Essas recorrências configuram uma macrocontingência, cujo o produto agregado manifesta-se por meio dos altos índices de adoecimento psicológico, sobrecarga materna e baixa participação paterna nos cuidados. Assim, o puerpério torna-se um período marcado não apenas por fatos individuais, da história ontogenética do sujeito, mas também por arranjos culturais que perpetuam essa desigualdade que impacta a saúde das mulheres

5 DISCUSSÃO

A análise bibliográfica evidenciou que as variáveis ambientais relacionadas aos comportamentos dos sujeitos cisgêneros e heterossexuais na vivência do puerpério são modeladas e reforçadas pelas contingências culturais que perpetuam a desigualdade de gênero. O repertório comportamental de sujeitos do gênero feminino e masculino são resultadas de contingências aprendidas, ou seja, condicionadas ao longo da vida (Skinner, 2011). O gênero é entendido como uma construção social que funciona como uma estrutura de poder (Scott, 2016), que perpetua a desigualdade.

As referências usadas permitiram entender que a parentalidade é

determinada pelo contexto social, tendo como pauta as questões relacionadas ao gênero (Lima et al, 2025). A modelagem social que é feita condiciona a mulher para emitir comportamento de cuidado; para o homem, o de prover (Sento-Sé, 2022), o que consequentemente é imposto a regra de que pessoas do gênero masculino não possuem aptidão para o cuidado, reforçando os comportamentos daqueles que cumprem as regras e punem aqueles que não a seguem. Foi também evidenciado que essas regras geram sobrecarga das mulheres acarretando, segundo Gonçalves e Camargo (2025), maior probabilidade de transtornos mentais e complicações durante a gravidez e o pós parto.

A idealização da maternidade e a exigência cultural sobre as mulheres em exercer uma maternidade irreal emerge como um dos elementos que produzem sofrimento (Dias; Lima, 2025). Essa perspectiva articula diretamente com a ideia discutida por Fonseca e Almeida (2023) e Xavier e Freitas (2022), que expõem o mito do amor materno e a maternidade compulsória. E como a sociedade patriarcal, pautada na religião, naturaliza a maternidade, inviabilizando as dificuldades e sentimentos das mulheres, legitimando assim cobranças sobre seu comportamento. Ou seja, a maternagem é colocada como algo inato à mulher.

Além disso, os estudos indicam inúmeros fatores sociais e econômicos que intensificam o risco de adoecimento no puerpério. Cantanhede (2025) evidencia como as vulnerabilidades estruturais compõem um cenário propício para o adoecimento destas. Marques et al (2016) explicam que a saúde materna depende de um conjunto de fatores, como uma rede de apoio apropriada e suporte social, como prevenção de quadros depressivos e ansiogênicos.

A literatura proporcionou identificar como as normas de gênero impactam na vivência das puérperas. A construção social que modela o gênero masculino, que reforça a valorização da autonomia, da força e da autoridade, limita a participação do homem nos cuidados parentais, como expõe Carvalho (2024) e Sento-Sé (2022). Apesar de discussões atuais sobre as mudanças sobre os cuidados parentais, Lima et al (2025) e Ribeiro et al (2015) descrevem que existem barreiras culturais, institucionais e religiosas que são reforçadas, o que mantém a paternidade vinculada ao papel de provedor. Essa desigualdade aumenta a sobrecarga materna e contribui para o sofrimento das mulheres.

A partir da análise do comportamento foi possível analisar esse processo. O

conceito de operações motivadoras explicadas por Basqueira (2024), permite identificar eventos no ambiente que aumentam ou diminuem a probabilidade de emitir e eliciar determinados comportamentos. Essa discussão é ampliada, por Moreira (2013) ao apresentar o papel das contingências, assim como os de metacontingências e macrocontingências na criação e manutenção do terceiro nível de seleção descrito por Skinner (2007), a cultura. A responsabilização exclusiva das mulheres, a idealização da maternagem e a ausência e distanciamento dos homens não são aprendidos de maneira individualizada, assim sim selecionadas culturalmente ao longo da história.

As metacontingências, de acordo com Moreira (2013) contribuem para a explicação de como as práticas culturais são mantidas. Em vista disso, Scott (2016) e Colling e Tedeschi (2019), descrevem que a manutenção dessas práticas são resultados de arranjos culturais que reforçam os privilégios masculinos em detrimento do feminino, naturalizando as desigualdades.

Dados do IBGE (2022) mostram que o Brasil apresenta queda da fecundidade e adiamento da maternidade, o que sugere mudanças no papel social das mulheres nas aspirações profissionais econômicas. Diante disso, essa revisão possibilitou compreender as transformações nas configurações familiares. Sendo necessário, a valorização da participação paterna durante o processo da gravidez, puerpério, com os filhos e na organização das atividades domésticas , assim como a desconstrução das idealizações sobre a maternidade e a criação de políticas públicas que reforçam e possibilitam estruturas para isso, são caminhos fundamentais para uma experiência puerperal saudável.

6 CONCLUSÕES

A análise realizada permitiu compreender que os comportamentos dos sujeitos cisgenero e heterossexuais no puerpério não se deve ser analisada apenas as variáveis individuais, mas sim como resultado da interação entre os comportamento filogenéticos, ontogenéticos e culturais, principalmente como as metacontingências e macrocontingência atuam para a manutenção da cultura e dos organismos. A literatura revisada expôs que a construção dos comportamentos dos gêneros foi reforçado por uma metacontingência, em que as práticas parentais

atribuíam à mulher a responsabilização do cuidado, enquanto para o homem é designado o papel de provedor. Essas práticas reforçadas na cultura constituem contingências que moldam padrões comportamentais que produzem sofrimento significativos para as mulheres, principalmente no período puerperal.

Ao analisar essa dinâmica pelo modelo de seleção pelas consequências (filogenia, ontogenia e cultura) de Skinner e a ampliação da última seleção, foi possível verificar que tais desigualdade são mantidas pela metacontingência ceremonial, sustentada por instituições sociais, religiosas e familiares que reforçam a idealização da maternidade, ou seja, uma maternidade compulsória e de desvinculação dos homens no cuidado, o que resulta nos números de certidões sem registro e no número de fecundidade decaendo no Brasil. Isso quando reproduzindo a longa escala configurando as macrocontingências, cujo produto agregado é o adoecimento das puérperas, a sobrecarga materna e perpetuação do sistema desigual entre os pares. O sofrimento, resultado da ausência de rede de apoio, a vulnerabilidade socioeconômica, racial e a insuficiência paterna no cuidado revelam que a cultura não apenas se mantém, mas que produzem consequências negativas na saúde das mulheres.

A análise do comportamento oferece alternativas científicas importantes para a compreensão da cultura e suas práticas, como estas se estabelecem, se mantêm e podem ser mudadas. A identificação das contingências que reforçam a desigualdade de gênero no puerpério possibilita articular caminhos para mudanças, seja a nível de fornecimento de políticas públicas ou de orientações para os familiares, com o objetivo de prevenir que os sujeitos adoeçam. Diante do exposto, o fortalecimento da participação paterna, o reconhecimento da maternidade para além da idealização, o fornecimento de um ambiente acolhedor e reforçador para a expressão de sentimento sem julgamento e a ampliação da rede de apoio, são formas alterar a metacontingência que reforça a manutenção de comportamentos prejudiciais.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Henrique Valle Belo Ribeiro; SOUSA Vinícius Pereira; IZBICKI, Sarah; Bissoli, Enzo Banti. **Metacontingências: uma ferramenta conceitual para análise sociais e culturais.** Revista Brasileira de Análise do Comportamento, v.20, Supl.1, 2024.

BASQUEIRA, Ana Paula. **Operações motivadoras: definição e compreensão do conceito no contexto aplicado.** Revista Espectro, São Carlos, v. 3, n. 1, p. 36-50, 2024. Disponível em: <https://www.espectro.ufscar.br/index.php/1979/article/view/44/22>

CANTANHEDE, Natália de Jesus Costa. **Saúde da mulher no puerpério: fatores de risco e de proteção para a saúde mental.** Monografia (Bacharel em Psicologia) — Curso de Psicologia, Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São Luís, 2025. Orientadora: Prof.^a Me. Thaísa Drielle Louzeiro Privado.

CARVALHO, João Victor Mendes. **Construção do masculino: interseções entre religião e o direito de ser.** PLURA — Revista de Estudos de Religião, v. 15, n. 3, p. 54–75, 2024. DOI: 10.29327/256659.15.3-24. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/download/2413/1858/9252>.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero.** 2. ed. Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p. Prefácio de Michelle Perrot. Disponível em: <https://www.ufgd.edu.br/setor/editora/catalogo>

DIAS, Bianca Stherfane Amaral; LIMA, Louise Veronica Costa. **A idealização da maternidade perfeita e seus impactos na saúde mental das mães contemporâneas: uma revisão integrativa.** Revista Foco, v. 18, n. 10, p. 207-223, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n10-207. Disponível em: <https://revistafoco.emnuvens.com.br/foco/article/view/v18n10-207>

Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM). **Paternidade responsável: mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento.** IBDFAM, 07 ago. 2019. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade%2Brespons%C3%A1vel%3A%2Bmais%2Bde%2B5%2C5%2Bmilh%C3%B5es%2Bde%2Bcrian%C3%A7as%2Bbrasileiras%2Bn%C3%A3o%2Bt%C3%A3m%2Bo%2Bn%C3%AAme%2Bna%2Bcertid%C3%A3o%2Bde%2Bnascimento>.

FARIAS, Ana Karina C. R. de; KIRCHNER, Luziane de Fátima (Orgs.). **Análise do comportamento aplicada na atenção primária, secundária e terciária de saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2022.

FONSECA, Geovana Maciel da; ALMEIDA, Luana Maíra Moura de. **O mito do amor materno na sociedade patriarcal do Brasil: ser ou não ser mãe (eis a**

questão!?) Revista EST, v. 1(?), 2023. Disponível em:
<https://revistas.est.edu.br/anais/article/download/2770/2356/4527>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022 mostra um país com menos filhos e menos mães.** Agência de Notícias IBGE, 27 out. 2023. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43837-censo-2022-mostra-um-pais-com-menos-filhos-e-menos-maes>

LIMA, Sebastião Elan dos Santos; SILVA, César Bismac de Oliveira; OLIVEIRA, Lauane Caroline; MAIA, Eulália Maria Chaves. **O tornar-se pai: representações da paternidade e do cuidado no puerpério.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 29, supl. 1, e240361, 2025. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/interface.240361>

MARQUES, Luzilene de Carvalho; SILVA, Willian Rodrigues Viana; LIMA, Victor Pereira; NUNES, Jacqueline Targino; FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira; FERNANDES, Maria Neyrian de Fátima. **Saúde mental materna: rastreando os riscos causadores da depressão pós-parto.** Journal Health NPEPS, Tangará da Serra, v. 1, n. 2, p. 145–159, 2016. DOI: 10.30681/25261010. Disponível em:
<https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/123456789/918>

MOURA, Ana Gabriela de Souza; FEITOSA, Ana Roberta Santiago; NEVES, Gislaine Andrade; SUSIN, Isabella; SAMPAIO, Joy; SCHEIFER, Tássia Paschoiotto; DUARTE, Guilherme Augusto. **O cuidado e a atenção de pacientes com sofrimento psíquico puerperal: um olhar da psicologia.** Monografia (Bacharelado em Psicologia) — Curso de Psicologia, Centro Universitário de Várzea-Grande, Várzea-Grande, 2023. Publicado em 09 maio 2024. Disponível em:
<https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1924>

Moreira, M. B. **Análise do Comportamento e Cultura: uma introdução às metacontingências.** São Paulo: Paradigma, 2013.

RIBEIRO, Juliane Portella; GOMES, Giovana Calcagno; SILVA, Bárbara Tarouco da; CARDOSO, Letícia Silveira; SILVA, Priscila Arruda da; STREFLING, Ivanete da Silva Santiago. **Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem.** Revista Espaço para a Saúde, Londrina, v. 16, n. 3, p. 73–82, jul./set. 2015.

ROCHA, Carolina Neves da; LINARES, Ila Marques Porto; WEISS, Julia Vasconcellos Pacheco. **Entendimento da perinatalidade a partir do modelo de seleção por consequências.** Revista Perspectivas, v. 14, n. 1, p. 3–18, 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. [S.I.]: [s.n.], 2016. Disponível em:
<https://repositorio.sistemas.mpba.mp.br/handle/123456789/524>.

SENTO-SÉ, Isadora Vianna. **Masculinidade e paternidade: um diálogo da**

sociologia com a psicanálise. Revista Intratextos, v. 13, n. 2, p. 01-20, 2022. DOI: 10.12957/intratextos.2022.88815. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/88815/52763>

SKINNER, B. F. **Seleção por consequências.** Tradução de Carlos Renato Xavier Cançado, Paulo Guerra Soares e Sérgio Cirino. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129–137, 2007.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** Tradução de João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 4 nov. 2011. 220 p.

XAVIER, Amanda Karolina Oliveira; FREITAS, Talita Maria Machado de. **Da sacralização ao purgatório: maternidade compulsória e o mito do amor materno.** JNT – Facit Business and Technology Journal, v. 3, n. 39, p. 24-37, ago./out. 2022. Disponível em: <https://revistas.faculdadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1868>.